

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS NACIONAIS DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS.

Talita Barizon (UFSCar)

O interesse pelo Português enquanto língua estrangeira vem conquistando um significativo crescimento nos últimos anos. Essa realidade deve-se a vários fatores: os acordos internacionais, a facilidade de acesso e deslocamento (turismo), o interesse nas belezas e produtos naturais brasileiros, a ótima localização brasileira frente aos países do MERCOSUL, entre outros. Além disso, a Língua Portuguesa conta com mais de 240 milhões de falantes nativos, o que lhe dá o status de ser a sexta língua materna mais falada no mundo e a terceira língua mais falada no Ocidente.

Desta forma, esta comunicação tem por objetivo analisar apenas dois dos materiais disponíveis no mercado nacional, voltados para o ensino de Português Língua Estrangeira (a saber: *Bem-Vindo!* e *Panorama Brasil*) a fim de verificar o tratamento que é dado à Variação Lingüística durante a aquisição da língua-alvo. Além disso, fará parte das investigações a verificação da terminologia referente à variação lingüística (*Variação, variedade, variante, dialeto, norma-padrão e variedade-padrão* ou *língua-padrão, norma culta e norma padrão*, etc.) que está sendo empregada nos livros didáticos e a coerência da discussão que o livro faz na(s) seção(ões) destinada(s) à variação, se apresentar, com os demais tratamentos apresentados no livro aos fenômenos gramaticais, sobretudo os de análise sintática.

A escolha dos livros didáticos não foi aleatória. O primeiro (*Bem-Vindo!*) já está em sua sexta edição, o que nos faz crer que tem sido bastante aceito e adotado pelas escolas e cursos voltados aos estrangeiros aprendentes de Português; o segundo (*Panorama Brasil*) é um livro voltado para o mundo dos negócios e, devido ao campo de mercado conquistado pela Língua Portuguesa, acreditamos ser de fundamental importância analisar um material voltado para este público que não para de crescer.

Antes de tratarmos da Variação Lingüística em si, precisamos considerar alguns aspectos teóricos como, por exemplo, o conceito de *língua*. Convencionou-se chamar de “língua” nas sociedades letradas um *produto social, artificial*, que não corresponde àquilo que a língua realmente é. Como constata Bagno (2007:36),

ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um *processo*, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.

É preciso, antes de mais nada, deixar bem clara a diferença entre língua e gramática normativa. A primeira, conforme Scherre (2005:85), é o sistema natural de comunicação humana, e a segunda constitui um livro feito por falantes-pesquisadores, com ênfase especial na modalidade escrita de prestígio, geralmente ilustrada por textos literários distantes da realidade da maioria da população, tornando-se uma das muitas faces do exercício de poder. Para Foucault (1979:142), “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder”. Segundo o autor, o poder não se exerce sem saber e tão pouco o saber não engendra o poder. Saber e poder se completam mutuamente. Efeitos de poder próprios do jogo enunciativo são mecanismos de poder-saber que funcionam em discursos educacionais. Fica claro, então, que esse jogo de poder-saber, de domínio e de prestígio também estão presentes em sala de aula, uma vez que não podemos desconsiderar a heterogeneidade constitutiva do sistema educacional.

Visto que a idéia de Brasil (onde se encontra a maioria dos falantes de Língua Portuguesa) como país monolíngue ainda é extremamente veiculada, seja pela escola, seja pelas instituições sociais, políticas ou religiosas, seja pela mídia, temos que, como ressalta Bortoni-Ricardo (1984), “uma vez que os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua não são reconhecidos, nada é feito para resolvê-los”. Além da exaltação da variante padrão, ainda é forte a

restrição à gramática no ensino da língua. Portanto, essa exaltação quando expressa no livro didático pode contribuir para a disseminação do preconceito lingüístico, cujo desdobramento pode ser a falsa noção de que o domínio da gramática normativa garante leitores/escritores críticos e ativos.

O uso da linguagem tem sido sempre fortemente marcado por intolerância e preconceitos, com o agravante de que a intolerância lingüística é muito mais camuflada do que outras formas de preconceito. E a língua, como resultado de um processo histórico, é o pano de fundo para a caracterização do preconceito lingüístico como fruto da “intolerância em relação à variação e à mudança” (Fiorin, 2000:27), preconceito que a própria escola e os gramáticos tratam de difundir. Infelizmente, ainda dá status falar “corretamente”, na idéia ingênua de que a língua dita culta é uma ponte para a ascensão social. Quem não domina a variante padrão é marginalizado e ridicularizado. Conforme BAGNO (1999), há no Brasil uma “mitologia” do preconceito lingüístico, que prejudica toda a nossa educação e nossa formação enquanto cidadãos para além de um termo teórico.

Para a Sociolingüística, como a estrutura da língua é prévia ao momento de enunciação, interessam as maneiras pelas quais os falantes se delimitam, se identificam ou se excluem no processo comunicativo, por meio do uso de determinadas marcas lingüísticas. Interessante verificar que formas variantes não se referem a opções que *eventualmente* podem ocorrer; elas estão atreladas ao momento da enunciação e à relação de interlocução dos participantes. Como destaca Camacho (2002:50),

dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam exatamente do mesmo modo, assim como um único falante raramente se expressa da mesma maneira em duas diferentes circunstâncias de comunicação. Sendo assim, o que a Sociolingüística faz é *correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o lingüístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares*.(grifos nossos)

Entendemos, dessa forma, que o estudo e o conhecimento advindo dessa corrente pode contribuir para melhorar a qualidade do ensino da Língua Portuguesa (enquanto LM ou LE), porque trabalha sobre a realidade lingüística dos usuários dessa língua, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica), também os fatores de ordem externa a ela (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros). É o que Bechara (1993: 14) denomina de *liberdade lingüística*, ou seja, a possibilidade de

se entender que uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema, que abarca diversas realidades diatópicas (isto é, a diversidade de dialetos regionais), diastráticas (a diversidade de nível social) e diafásicas (a diversidade de estilos de língua), e que cada porção da comunidade lingüística realmente possui de direito sua língua funcional, que resulta de uma técnica histórica específica.

Segundo Labov (1983), a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema lingüístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa. Isto significa que a variação sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando falamos em Língua Portuguesa estamos falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. E mesmo havendo no Brasil uma aparente unidade lingüística e apenas uma língua nacional, é possível observar variação em diversos níveis da estrutura lingüística.

Os exemplos de VL não somente identificam os falantes de comunidades lingüísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Isso significa dizer que não existem variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem diferentes variedades lingüísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais.

As novas concepções do *fazer pesquisa* implicam mudanças no fazer metodológico, ou seja, a simples constatação de hipóteses e a possibilidade de padronização passam a ser superficiais para a natureza interpretativista de pesquisa. Nesta visão, na qual este trabalho se insere, *é o fator qualitativo que interessa*. “O foco é, então, colocado em aspectos processuais do mundo social em vez do foco em um produto padronizado” (MOITA LOPES, 1994: 332).

Sabendo que toda investigação pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa, a opção pela pesquisa de base qualitativa tem sua justificativa na objetividade e na validade conceitual, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico, como atesta Triviños (1987:118). Segundo o autor, a pesquisa quantitativa termina exatamente onde deveria começar, pois transforma a estatística no instrumento fundamental de sua busca, ao invés de encará-la como mais um elemento, logo, não será a abordagem por nós adotada.

PORTUGUÊS, LÍNGUA OFICIAL DO TIMOR LESTE?

Timor Leste, a mais jovem nação do mundo adotou o português como língua oficial, juntamente com o tétum, a principal língua local. No total, a antiga colônia portuguesa tem cerca de 30 línguas e dialetos. Essa opção pelo mundo da língua portuguesa foi concretizada no dia 31 de julho de 2002, em Brasília, quando o Timor — até então com o estatuto de observador, entrou oficialmente para a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa — CPLP — durante a IV Cúpula da entidade. (...)

Segundo Eládio Faculto, presidente da Organização dos Jovens do Timor Leste, além da identidade, existem outras razões para escolher o português como língua oficial do Timor. 'A língua portuguesa é muito importante porque ela é falada em outros países, em vários continentes, é um língua internacional, uma abertura para o mundo.' A Assembleia Constituinte do Timor Leste, democraticamente, acabou escolhendo o português e o tétum como línguas oficiais.

Fonte: Portal do AIGAL - Associação Global da Língua

Usando as informações contidas nos PSIUS das páginas 76 e 77, passe o texto abaixo que está escrito em português de Portugal, para o português do Brasil.

"Um autocarro atropelou um reformado que, após o pequeno almoço, estava em uma bicha para comprar um gelado. Atropelou também uma rapariga em fato de banho."

PORTUGUÊS DO BRASIL - PORTUGUÊS DE PORTUGAL (2)

CALCINHA	CUECA
CHUVEIRO	DUCHE
DIRIGIR (GUIAR)	CONDUZIR
GOL	GOLO
LEVANTAR VÔO	DESCOLAR
MAIÔ	FATO DE BANHO
MENINA	RAPARIGA
MENINO	PUTO

PORTUGUÊS DO BRASIL - PORTUGUÊS DE PORTUGAL (1)

APOSENTADO	REFORMADO
BONITO	GIRO
CAFÉ DA MANHÃ	PEQUENO ALMOÇO
FILA	BICHA/FILA
GRAMA	RELVA
ÔNIBUS	AUTOCARRO
PICOLÉ	GELADO
VASO SANITÁRIO	PIA/SANITA

psiu!

Figura 1

O primeiro exemplo selecionado para análise é uma montagem feita por esta pesquisadora das páginas 76 e 77 do livro *Bem-Vindo!* (figura 1). Primeiramente, temos um pequeno texto (acompanhado por um áudio da leitura do texto) que trata da inserção do Timor Leste enquanto país membro da Comunidade dos Países falantes de Língua Portuguesa (CPLP). A atividade não traz nenhuma ressalva quanto à variedade falada no país, nem mesmo alguma sugestão de discussão sobre os diferentes possíveis “falares” entre os membros da CPLP. Em seguida, temos um exercício estrutural de revisão sobre pronomes pessoais e obliquos e, no momento *Psiiu!* do livro (que se propõe a trazer dados para ampliar o conhecimento e o vocabulário), temos listadas algumas palavras que são diferentes no Brasil e em Portugal.

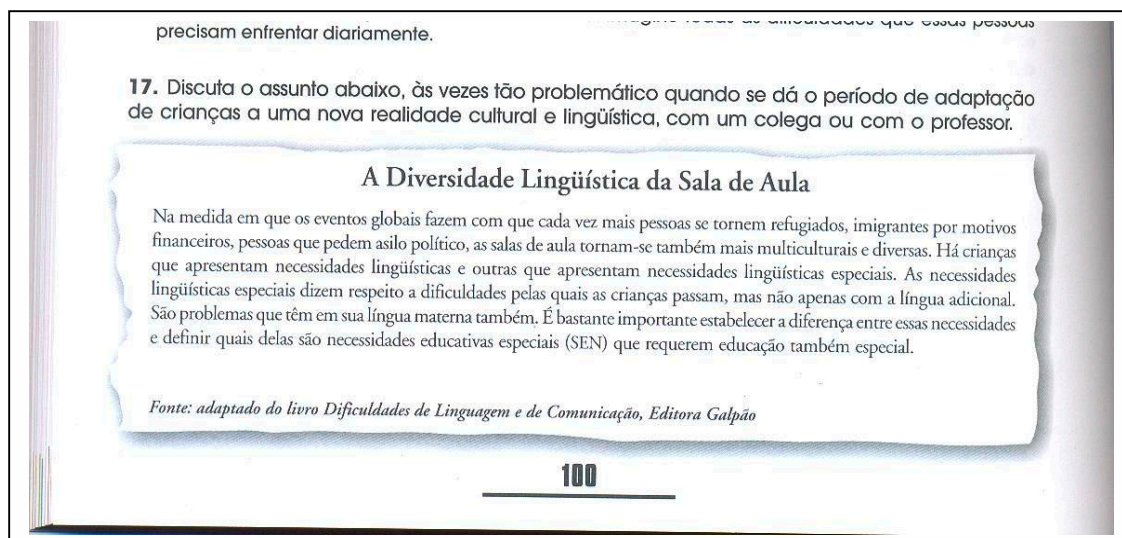


Figura 2

Já no segundo exemplo extraído da página 100 do livro *Panorama Brasil* temos a possibilidade de discussão sobre o assunto Variação Linguística, suas necessidades, dificuldades e possibilidades. É claro, que o preparo do professor contará bastante durante a discussão, principalmente no que tange o perigoso limite entre variação – preconceito – estereótipo. A atividade coloca a diversidade linguística como fruto dos eventos globais atuais e pede para que o aluno discuta com algum colega ou professor essa nova realidade cultural e linguística das salas e ambientes multiculturais.

Bastante interessante notar ainda a apresentação redigida pelos autores na abertura de cada livro. No *Bem-Vindo!*, as três autoras propõem um aprendizado “do nosso português falado como ele é”, fazendo questão de destacar que “um pouco de história, cultura e sociedade brasileira fazem parte deste livro elaborado especialmente para suprir a grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco central é a COMUNICAÇÃO” (2004, apresentação, *grifo das autoras*). No *Panorama Brasil*, as autoras procuram “abordar temas que fazem parte da realidade brasileira, de seu dia-a-dia e, muito em particular, do modo como o povo brasileiro lida com os Negócios” (2006, apresentação). Além disso, as autoras reforçam a mistura de raças e culturas existentes em nossa terra, “uma nação que se abre para o futuro, consertando ainda erros do passado”.

Com os dois exemplos escolhidos para ilustrar este trabalho, pretendemos mostrar que a variação ainda é terreno pouco visitado pelos autores de livros didáticos de PLE. Quando o fazem, pecam pela falta de instrução ao professor ou por algum vocabulário que possa desencadear no aluno o preconceito lingüístico frente a outras variantes, tão comum e tão pouco comentado em sala de LE.

Sabendo que o processo ensino-aprendizagem não se realiza separadamente da cultura que ela representa, ou seja, do modo e do jeito de fazer coisas, de ocupar os espaços físicos e sociais, das formas de socialização, essa abordagem de ensino para brasileiros e para estrangeiros implica a vinculação do estudo da Língua Portuguesa à cultura brasileira privilegiando o espaço da sala de aula como o lugar da construção de um conhecimento compartilhado, em que o livro didático atua como suporte, ferramenta indispensável na relação professor-aluno-contexto.

Considerando o livro didático como o principal suporte do ensino-aprendizagem, acreditamos ser de extrema importância verificar como esse material está apresentando a variação lingüística aos aprendentes. Segundo Bagno (2007:22), “se a Sociolingüística tem um papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da *heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira* e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade lingüística”.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. (2007) *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial.
- _____. (1999). *Preconceito lingüístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Loyola.
- BECHARA, E. (1993) *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* 7ª ed. São Paulo: Ática. Série Princípios.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1984). Problemas de comunicação interdialetoal. *Tempo Brasileiro*, 78-79, p.9-32.
- CAMACHO, R. G. (2002) Uma retrospectiva crítica da sociolingüística variacionista. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 31, p. 1-30.
- FIORIN, J. L. (2000) “Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico”. In: SILVA, F. L. e MOURA, H. M. *O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular.
- FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Tradução e organização de Roberto Machado, Rio de Janeiro: Edições Graal.
- LABOV, W. (1983) *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A.
- MOITA LOPES, L.P. (1994) *Pesquisa interpretativista em Lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução*. DELTA, v10, n°2, p. 329-338.
- OTUKI DE PONCE, H. BURIM, S., FLORISI, S. (2004) *Bem-Vindos!*. São Paulo: SBS.
- _____. (2006) *Panorama Brasil: ensino do português do mundo dos negócios*. São Paulo: Galpão.
- SCHERRE, M. M. P. (2005) *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editoriais.
- TRIVIÑOS, A.N.S. (1987) *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.